

A PROPÓSITO DA QUESTÃO DA TÉCNICA NO PENSAMENTO DE EDUARDO SOVERAL

Certa feita Etienne Gilson foi convidado a pronunciar uma série de conferências no Canadá, sobre o tema da filosofia escolástica medieval. O sucesso das conferências foi tão grande que Gilson posteriormente as reuniu para publicação na obra hoje clássica, *O Espírito da Filosofia Medieval*.

No prefácio, o autor relata que fora interpelado no primeiro encontro por um estudante; questionava a possibilidade de existir uma filosofia medieval, de ser possível uma verdadeira filosofia a partir de uma posição de fé, ou mais precisamente, de um homem de fé poder ser verdadeiramente filósofo.

A esta pergunta, sempre actual e sempre repetida, Gilson respondeu que sem dúvida o filósofo poderia ser simultaneamente um homem de fé e vice-versa um homem de fé poderia ser filósofo posto que o fato de haver fé não invalidava, a seu ver, a busca da verdade do ponto de vista da razão. Poderia o homem de fé preocupar-se com temas não diretamente relacionados com as questões da sua fé, mas, além disso, poderia também refletir filosoficamente sobre temas existenciais, ou de cunho religioso; aliás, a probabilidade é de que sua atenção se voltasse mais para temas relevantes do ponto de vista da fé. Nada o impediria de tentar racionalmente elucidar as questões que carecessem de esclarecimento.

Eduardo Soveral é uma confirmação e uma ilustração viva desta asserção de Gilson. O fato de ser homem de fé não o fez menos filósofo.

Já Sto. Agostinho dizia que por crer, compreendia e não cria por compreender. Evidentemente que não se pode deduzir daí que

todo o homem de fé passe a ser filósofo. Ai de mim, a fé não garante uma inteligência como a de Sto. Agostinho!

No caso de Eduardo Soveral, entretanto, filósofo e católico, creio que se pode tranquilamente afirmar que nele a penetrante análise e interpretação dos temas tem confirmado o dito de Sto. Agostinho, na medida em que, ao elaborar seu pensamento, vem consistentemente esclarecendo as questões magnas do nosso tempo à luz de uma vigorosa razão que parece aurir força e vigor da própria fé. Quando se trata de problemas da contemporaneidade, Soveral, muitas vezes trabalha sobre as questões de ordem antropológica, ética, política, e educacionais, antecipando-se e abrindo caminho para os estudos da própria Igreja.

Sua obra inicia-se com uma preocupação de ordem metodológica e gnoseológica. A tese de doutoramento foi escrita sobre o método fenomenológico de Husserl, método que Soveral muitas vezes emprega quando busca melhor penetração em um determinado conceito ou pensamento. No entanto, tomando-o juntamente com a metodologia lógico-crítica, que em grande parte assimilou do seu mestre de Coimbra, Arnaldo Miranda Barbosa, Eduardo Soveral elaborou um sistema próprio de trabalho.

De fato, para alcançar a plena compreensão do pensamento filosófico dos autores clássicos e contemporâneos ou de qualquer tema específico por ele intencionado, propõe uma metodologia que denomina de hermenêutica crítica.

No ensaio acêrca dos problemas gnoseológicos e epistemológicos *O que é Afinal Compreender?*, apresenta e analisa os procedimentos alternativos para a aquisição do conhecimento. Conclui a exposição por uma opção pela hermenêutica, pois a compreensão, a seu ver, é a tarefa própria do filósofo. A propósito dos vários contextos presentes ao homem, que devem ser levados em conta pela hermenêutica, conclui que : "*Qualquer que seja... o fogo-cruzado das hermenêuticas, nunca ele deverá perder-se em terrenos inabitáveis para o Homem.*"¹.

No esforço de compreensão, Soveral considera que muitas vezes será preciso atentar para os diferentes níveis e estruturas da vida psíquica tais como a consciência onírica, o inconsciente ou os dife-

¹ Soveral, Eduardo Abranches de, *O que é Afinal Compreender*, in *Ensaaios Filosóficos*, Porto, Eccla Editora, 1995, p. 94

rentes tipos de mentalizações ou estados de alma, os quais vão desde a santidade até à indiferença e ao desespero; entretanto, alerta para o fato de que “*é necessário sempre um regresso à consciência vigilante e normal*”.².

O referido ensaio revela muito significativamente o empenho do autor em alcançar a compreensão. Já anteriormente escrevera que a filosofia é “*exegese, interpretação, busca do sentido verdadeiro e desdobramento do que foi originariamente dito, das palavras que se apresentam como uma revelação do Espírito... uma glosa das palavras dos poetas e dos místicos...*”³.

A compreensão é diferente da explicação, objetivo do cientista. O autor deixa bem claro, entretanto, que em nenhuma hipótese a hermenêutica, para não dizer a explicação científica, poderá substituir a *metafísica*, a mais profunda das disciplinas filosóficas. Trata-se de uma elaboração necessária a que deve aportar, em última instância, todo o esforço filosófico:

“...os grandes temas sobre a estrutura da pessoa, sobre os fundamentos da Liberdade e da Ética, sobre o sentido de uma história comum da Humanidade, sobre a Vida e os seus processos dinâmicos, sobre a natureza do universo, sobre tudo, enfim, que respeita à condição humana, — nela se constituem e nela recebem um significado matricial.”⁴.

Não obstante, enquanto trata das questões gnoseológicas propriamente ditas, considera que, se a explicação consiste em decompor um ‘*todo*’ mediante um conjunto de procedimentos analíticos e se a compreensão, por outro lado, busca inserir um objeto no que o autor descreve como a “*série progressivamente mais ampla de ‘totalidades’ significativas*”, os dois procedimentos parecem ser contrários.

Por isso mesmo, buscará verificar suas possíveis relações de complementariedade e averiguar se ambos os métodos só são distintos e irreduzíveis pelas atitudes mentais por eles geradas. Encontrará a solução para a sua compatibilização recorrendo a diferentes linguagens. A explicação utiliza linguagens analíticas, artificiais

² idem ibidem

³ Soveral, Eduardo, Reflexões Sobre a Pluralidade das Culturas, in *Educação e Cultura*, Lisboa, Instituto de Novas Profissões, 1993, p.65.

⁴ Soveral, Eduardo, O Papel da Filosofia Numa Sociedade Aberta e em Desenvolvimento, in *Educação e Cultura*, opus. cit. p.60/61.

e racionalmente construídas as quais, partindo do pressuposto de que o significado já esteja dado previamente, buscam o domínio pela produção do objeto; enquanto a compreensão refere-se ao sentido, sendo que a fonte de todos os sentidos é a natureza humana: “o sentido remete sempre para uma relação do objeto com o homem, para uma ‘humanização’ ...”⁵.

De onde se conclui que a compreensão mais profunda corresponde justamente àquele método que observa todas as exigências de uma hermenêutica crítica, entendendo por este termo uma combinação de análise crítica com a busca do sentido referido ao homem.

De fato, Soveral sempre se aproximou de todos os temas e de todos os autores numa atitude de total disponibilidade para compreendê-los. Poder-se-ia afirmar que sua postura sempre primou pelo respeito ao objeto estudado, quer fosse este a obra completa do autor, um livro ou um artigo. Esta atitude de respeito pela palavra escrita implica no empenho de penetrar e captar o sentido mesmo da obra, atitude que está presente no despojamento de todo e qualquer pré-conceito com relação quer à obra quer ao autor. Tal atitude não quer dizer que o filósofo se sinta impedido de contrapor-se ao pensamento estudado. Aliás, a forma como trabalha foi, a meu ver, descrita com rara felicidade pelo colega e amigo, Manoel Patrício, por ocasião do IV Colóquio Antero de Quental, realizado este ano em Brasília. Logo após a comunicação de Soveral, Manoel Patrício comentou que este havia, como sempre, feito de sua apresentação um exercício filosófico de “tricotar”: com uma agulha e lã expunha magistralmente o pensamento do autor estudado enquanto que com a outra agulha ia tecendo os comentários decorrentes de sua própria filosofia. Com isso ‘fabricou’ um texto que representa mais uma peça exemplar de hermenêutica crítica.

Este é pois o método utilizado pelo filósofo na construção do próprio pensamento, amadurecido ao longo da análise em profundidade dos principais autores clássicos e contemporâneos, dos filósofos seus conpatriotas assim como de alguns brasileiros. Recentemente publicou o livro *Pensamento Luso-Brasileiro, Estudos e Ensaaios*.

⁵ Idem, *ibidem*, p. 70

Há anos vem se dedicando à filosofia luso-brasileira, tendo sido um dos fundadores do primeiro curso de pós-graduação no Brasil voltado para a interpretação da cultura por via das idéias filosóficas, com vista a caracterizar as afinidades e divergências entre a filosofia portuguesa e a brasileira.

Apesar de que, ao longo da evolução de seu pensamento, Soveral tenha dedicado uma considerável atenção aos problemas de ordem gnoseológica, assim como à história das idéias, o que ressalta da consideração de sua obra é a preocupação de ordem ética.

Consistente com a tradição da filosofia portuguesa, iniciou sua obra escrevendo um livro sobre Pascal, intitulado *Pascal Filósofo Cristão*. Considerando que o filósofo de Port Royal tem sido objeto de publicações de uma maioria significativa de pensadores portugueses, tal circunstância não deve ter ocorrido por acaso mas provavelmente por que os filósofos portugueses e entre eles Eduardo Soveral, sempre buscaram legitimar uma razão que leva em conta as razões do coração.

Mas na verdade, dentre os diferentes temas abordados pelo nosso pensador, destacam-se três como sendo os mais importantes e interrelacionados com a problemática ética, para a qual o filósofo volta o melhor de sua atenção: a questão da cultura, aquelas relativas à educação e a questão da justiça, destacando-se aí o tema da justiça social. A propósito deste último, irá tangenciar questões de ordem política e questões de direito. Hoje, o estudo converge para a reflexão acêrca da problemática do homem na sociedade contemporânea, isto é, para os problemas suscitados pela tecnologia. E é evidente que o seu enfoque, ainda que abordando temas de ordem política e econômica, fundamentalmente se orienta para os problemas éticos que emergem na sociedade tecnológica.

Aliás, a questão da técnica e da tecnologia é recorrente ao longo de toda a obra do filósofo. De início, Soveral manifestou um saudável otimismo com relação à ciência e à técnica que ele percebia como o desabrochar, na época moderna e contemporânea, das sementes plantadas pelo cristianismo na cultura ocidental. A seu ver, juntamente com várias outras expressões culturais, tais como a progressiva emancipação das mulheres e o reconhecimento dos direitos humanos, a técnica vem paulatinamente realizando a humanização do homem. Neste sentido escreveu: "*Curiosamente, e*

ao contrário do que muitos defendem, esta nova visão constitutiva da Idade Moderna, deve muito ao Cristianismo. “⁶

Os principais pontos em que a influência do Cristianismo foi fundamental para que desabrochassem as idéias mestras da Época Moderna, são elencados: 1) a não densidade ontológica das idealidades abstratas e coletivas, pois, para o Cristianismo, só existem individualidades concretas e distintas, 2) a máxima valorização da liberdade, entendida quer como dinamismo ontologicamente eficaz, quer como autonomia legisladora à maneira kantiana, 3) a igualdade como consequência de todos serem filhos de Deus e, portanto, irmãos possuidores de idêntica dignidade originária, 4) a valorização do plano material e econômico da vida e o imperativo do bom uso da riqueza, além da atribuição de um sentido ético ao trabalho e 5) por último, a atitude tecnológica de domínio da Natureza pois Deus pôs o ‘Paraíso’ à disposição de Adão; conseqüentemente, no pensamento cristão, *“a Técnica só é má quando se esquece que a sua serventia é a de mero instrumento, e que os seus recursos são liminarmente ilegítimos nos domínios do Espírito”*.⁷

Portanto, no que diz respeito especificamente à técnica, considera que esta, em sendo instrumental, não pode constituir um fim em si mesma, devendo ser solidária com os fins visados. Não ostante, os meios técnicos não se justificam pelos fins, pois, como se sabe, do ponto de vista ético, os fins não justificam os meios. Por conseguinte, guardando uma relativa autonomia, devem ser também valorizados por si mesmos. É esta dupla referência axiológica, de meios e de fins, que constituirá, para as considerações acêrca da atividade técnica e tecnológica, *“um ponto melindroso.....tanto mais que contraria o espírito de domínio e de eficácia que anima a ação técnica.”*

Daí, uma das ilações a serem retiradas do que foi dito é de que os objetivos da ação técnica devem circunscrever-se exclusivamente a objetivos manipuláveis e eficazes. Outra é de que a ação técnica há de ser sempre *“ineficaz ou abusiva em qualquer um dos quadrantes do vasto campo das relações humanas”*.⁸

⁶ Soveral, Eduardo Abranches, *Modernidade e Contemporaneidade*, Porto, Eccla Ed. 1995, p13

⁷ idem, p 15.

⁸ Soveral, Eduardo Abranches de, *Notas Sobre Humanismo e a Técnica, in Ensaio Sobre Ética*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993, p. 25.

Assim, pondera o autor, ainda que se considere o valor dos fins visados e dos próprios meios, é possível que surjam efeitos indesejados como consequência da ação técnica. Haja vista a poluição e os efeitos na atmosfera, sem contar os prejuízos ao meio ambiente.

Todavia, conclui Soveral seu pensamento, deixando bem patente sua inquebrantável fé e otimismo, na ação do homem quando orientada pela Providência Divina, *“apesar destas dificuldades, e quando actua no seu terreno próprio, a Técnica é a prodigiosa e irrecusável expressão do poder do Homem sobre o mundo que habita. Também ela confirma que o Senhor o criou à sua imagem e semelhança...”*⁹

Entretanto, em outro passo, Soveral adverte para o fato de que cultura não é civilização e que civilização corresponde a um conjunto de meios técnicos que progridem linearmente enquanto que cultura, visando dar um sentido à existência humana, propõe uma hierarquia de valores baseada em um sistema de crenças e em um estilo de vida que se não reduzem a um conjunto de técnicas. A este propósito, ele questiona se a civilização tecnológica contemporânea será culturalmente neutra ou se não terá mesmo nada a ver com a cultura ocidental na qual foi gerada? E se fôr este o caso, não estará condicionando, por outro lado, as outras culturas que aceitarem esta civilização e a tornarem vigente?

O pensador manifesta receio de que a civilização tecnológica, pela sua absorvente complexidade, possa vir a impossibilitar o acesso fácil à vida cultural, ameaçando por isso mesmo a sobrevivência de todas as culturas históricas e propiciando pela primeira vez na história *“o surgimento de sociedades incultas em sentido próprio, ou até, pelo recurso a sofisticados meios técnicos, a deliberada e satânica instauração de uma anti-cultura.”*¹⁰

Pensando sobre os riscos que a civilização tecnológica implica para o homem, tanto em termos de instauração de uma anti-cultura, ou mesmo de uma *“aculturação inevitável que a todos hoje nos atinge”*, Soveral pondera que uma abertura cordial aos valores das culturas alheias deverá ser acompanhada de uma crítica inteligente de máxima exigência gnoseológica e fundada em uma vigo-

⁹ idem ibidem.

¹⁰ Soveral, Eduardo Abranches de, Reflexões sobre Pluralidade das Culturas, in *Educação e Cultura*, opus cit. p. 67

rosa atitude ética, para que possa realizar uma aliança fecunda entre os elementos próprios das culturas nacionais, os elementos valiosos de culturas alheias e os comportamentos estabelecidos em função da ciência e da tecnologia, os quais tendem a se universalizar.

Por tudo isto, volta-se ele para a educação, preocupado com o fato de que a era tecnológica exige *“uma hercúlea elaboração cultural centrada necessariamente na inteligência e nas faculdades mais nobres da pessoa humana”*.

É preciso libertar os homens, iludidos pelo mito da aceleração tecnológica do tempo histórico, da sedução do tempo das máquinas que é quantitativo, uniforme e exclusivamente ordenado à produção e que pode induzir a um *“ativismo existencialmente empobrecedor”*.

Alem disso, assinala que esta sedução é pautada pelo valor da eficiência, próprio da atividade tecnológica e não das atividades do espírito. Não obstante, a vida humana poderá ser mais rica e perfeita, se a cultura e em especial a filosofia e a pedagogia, souberem responder às exigências dos novos tempos, exigências que são o cultivo das virtudes sóficas e o amor aos mais altos valores do espírito.

A preocupação do filósofo é tão grande que nos alerta de forma categórica: *“não há mais espaço nem mais tempo para a estupidez nem para a ignorância.”*¹¹

Finalmente, ao comentar o pensamento de Heidegger sobre a técnica, Soveral irá concordar com o filósofo alemão em que o ‘poder técnico’ desencadeado pelo pensar humano pode ser destrutivo, pode matar e dilacerar os homens, podendo pôr em perigo, como vemos hoje, a sobrevivência da espécie, não somente por meio de seus artefatos mas também pelos efeitos secundários dos quais a poluição da própria atmosfera não será o menor.

Como Heidegger, Soveral também considera que a “missão do nosso tempo” é a de “domesticar” a técnica, inculcando nas instituições de pesquisa tecnológica o sentimento de amor e respeito pela ‘mãe natureza’, por que o homem necessita construir e conservar sua “morada”.

¹¹ Soveral, Eduardo Abranches de, in *Questões Prementes da Filosofia da Educação*, in *Educação e Cultura*, opus cit. p. 37.

Não obstante, considera que a visão heideggeriana vai muito além da compreensão da técnica como mero fenômeno instrumental. Em última instância, esta visão permite que se entenda a técnica como um espírito, o qual configura o mundo tal como ele se dá a nós hoje: um mundo fascinado por um tremendo poder, sem dono e sem sentido, que esqueceu o essencial, o próprio Ser.

Soveral interpreta o Ser de Heidegger como correspondendo ao Deus da sua fé cristã e católica e lamenta que Heidegger jamais tenha admitido sequer a hipótese de um Deus pessoal e que não tenha, portanto, incluído o Amor na sua visão teológica. Ao dialogar com Heidegger, encontra não somente inúmeros pontos que poderão colaborar para uma exegese do pensamento católico sobre o homem e sua relação com o Ser (Deus), como também pontos de divergência no que tange ao conceito de pessoa e do próprio Ser.

A propósito do tema em pauta, isto é, da técnica e das ameaças por ela representada, lembra que o filósofo alemão avisava tragicamente que o afastamento definitivo de Deus, ainda que este fosse impessoal, poderia acarretar, como consequência do poder e do pensamento técnico, a nossa definitiva auto-destruição.

De acordo com o pensamento de Soveral, o homem jamais poderá abdicar da sua subjetividade, a qual implica na falibilidade, fonte de todas as suas tragédias e simultaneamente condição de sua liberdade. Tampouco poderá exonerar-se da responsabilidade pelo próprio destino.

Devendo permanecer aberto à manifestação do Ser, à 'verdade do Ser', para a acolher, pensar e transmitir, conforme admoesta Heidegger, Soveral pondera que a interpretação católica dessa docilidade implica também a difícil e sempre renovada decisão que cabe a cada um de carregar "a própria cruz". Este imperativo de realizar a perfeição "ex-sistencial" poderá significar até a renúncia ao mundo, se ele for reconhecido como obstáculo ao auto-aperfeiçoamento pessoal.

Na sua última entrevista, Heidegger disse uma frase que foi motivo de escândalo, considerando que ele havia perdido a sua fé em um Deus transcendente. Daí a perplexidade de muitos ao lerem a profecia trágica: "Só um deus nos poderá ainda salvar..."

Eduardo Soveral, entretanto, mesmo ao considerar todos os percalços a que está sujeita a trajetória do homem na terra e reconhe-

cendo embora os riscos e ameaças representados pelo desenvolvimento tecnológico, conserva seu otimismo em face de todos os perigos.

Acreditando que o pecado, originado do orgulho do homem pela sua autonomia, tenha degradado as coisas que foram criadas para o serviço dele, ainda assim pensa que tudo na terra pode revelar sua verdade e sua beleza e o homem pode desvelar a última essência de todas as coisas se bem usar da razão. Munido de um saudável senso crítico e sobretudo imbuído de humildade, poderá criar mundos melhores. Por isso afirma:

*“O terreno por onde o Homem avança está semeado de projectos falhados, de obras trucadas, de pequenos e grandes infernos, de becos sem saída... Mas a vida obriga a seguir em frente, sem perder a esperança Para isso é necessário sonhar, desejar e projectar mundos melhores...”*¹².

*Anna Maria Moog Rodrigues
Universidade Gama Filho*

¹² Soveral, Eduardo Abranches de, *Meditações Heideggerianas*, Porto, Faculdade de Letras do Porto, 1993. pps. 45/46.